REVISTA BIOIKA

O LEITOR ESCREVE

Edição 7 • Maio de 2021
ISSN: 2619-3191 (Online)

Nem só de tilápia vive o homem: um peixe exótico invade as águas e a mesa dos brasileiros

Larissa Faria

Pesquisadora na área de ecologia aquática e impactos de espécies exóticas invasoras. Atualmente doutoranda em Ecologia e Conservação pela UFPR. Sua pesquisa busca compreender as interações entre espécies exóticas invasoras e espécies nativas.

Thiago V. T. Occhi, Patricia Charvet, Jean R. S. Vitule

Não é de hoje que **o governo brasileiro quer que compremos a ideia da aquicultura de espécies exóticas**. Desde 2003, com a criação da Secretaria Especial de Pesca e Aquicultura, a pauta do cultivo de peixes no país foi tomando cada vez mais força à medida que os estoques pesqueiros foram diminuindo.

Recentemente a discussão voltou à tona. O atual Presidente da República e o Secretário de Aquicultura e Pesca alegaram que o Brasil precisa explorar o "mar de água doce" de Itaipu para cultivar tilápia (2). A isso se soma a suposta "desburocratização" do processo de cessão de águas da União para aquicultura (3).

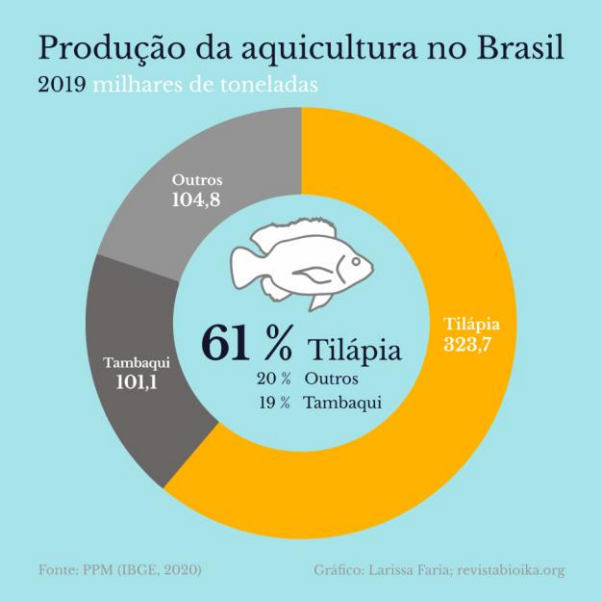
A redução dos estoques silvestres de peixes implica que, no futuro, o peixe da aquicultura será mais frequente na mesa dos consumidores / Imagem: Oscar Peláez.

É fato que a **aquicultura pode ser uma ótima alternativa de produção de proteína animal**, por isso vem crescendo rapidamente no Brasil e no mundo nos últimos anos (4). Contudo, da maneira como é feita em nosso país, essa prática está longe de ser sustentável

Edição 7 • Maio de 2021
ISSN: 2619-3191 (Online)

(5). Isso principalmente porque é dependente de espécies exóticas, ou seja, nativas de outras bacias hidrográficas, países ou continentes (6).

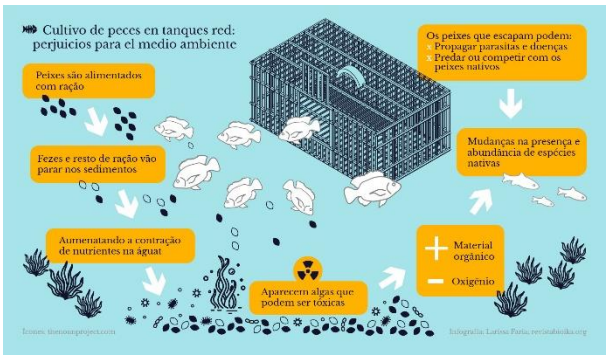
O caso mais conhecido, claro, é o da **tilápia do Nilo** (*Oreochromis niloticus*), **a espécie mais cultivada e consumida no Brasil atualmente** (7). Como o próprio nome diz, é um peixe natural da bacia do rio Nilo, no continente africano, portanto, exótica em toda a América.



Apesar do Brasil contar com mais de 2000 espécies de peixes de água doce, maior parte da produção da aquacultura tem sido focada em apenas uma espécie / Imagem: Larissa Faria.

É claro que há um motivo para a tilápia ser tão popular para a aquicultura. Ela **é altamente resistente às alterações ambientais, cresce e se reproduz rapidamente** e, por isso, acaba sendo ideal para o cultivo intensivo: grande quantidade de peixes em pouco espaço. O problema é que essas características são precisamente as que a tornam uma espécie com alto potencial invasor.

Isso quer dizer que, uma vez que as **tilápias escapam dos cultivos**, elas se estabelecem na natureza e multiplicam, tornando-as um tipo de praga aquática de difícil controle. Além disso, o cultivo intensivo destes organismos em tanques-rede pode causar inúmeras alterações ambientais, como o crescimento de algas tóxicas devido ao aumento da quantidade de nutrientes na água (restos de ração e excretas dos peixes), a transmissão de doenças para a fauna nativa e a associação de outras espécies invasoras, como incrustações de mexilhão dourado que causam prejuízos ao produtor.



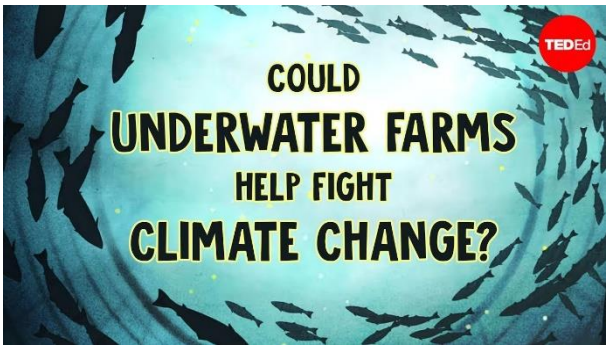
Os restos da ração para alimentar os peixes podem modificar o ambiente. O prejuízo é maior

Edição 7 • Maio de 2021
ISSN: 2619-3191 (Online)

quando os organismos escapam, representando um perigo para as espécies nativas / Imagem: Larissa Faria.

Apesar da vasta evidência que demonstra o **impacto da tilápia no ambiente natural** no mundo todo, inclusive no Brasil (8), o governo brasileiro insiste em afirmar que ela não é capaz de se estabelecer em reservatórios devido à profundidade típica destes ambientes e presença de predadores (2). Assim, **a produção de tilápia continua crescendo** e sendo cada vez mais incentivada, mesmo quando o país se comprometeu em agendas globais para erradicação de espécies exóticas (9).

Uma das justificativas do governo para o incentivo à criação de tilápia em reservatórios é a geração de emprego e renda. Mas, infelizmente, essa não é bem a realidade. **Apenas os grandes produtores que detém a tecnologia necessária para produção em grande escala é que se beneficiam**. As comunidades ribeirinhas, que muitas vezes já são prejudicadas pelo próprio empreendimento das barragens, não dispõem de conhecimento técnico e nem financiamento para implementar essa atividade. Nesses casos, a produção é feita de forma praticamente amadora e não se sustenta por muito tempo (5). Até mesmo em cultivos de larga escala, a geração de empregos diretos e indiretos é pequena, sendo que a relação custo ambiental e benefício socioeconômico fica desequilibrada.



A aquacultura as vezes contribui a sobrepesca quando se tem que pescar outros peixes para serem o alimento daqueles que são cultivados. Mas estão aparecendo algumas soluções bem criativas para dimuir os impactos no ambiente. https://www.youtube.com/watch?v=JYZpxRy5Mfg

No Brasil, os políticos e tomadores de decisão sempre apostam em soluções milagrosas para o desenvolvimento econômico, importando tecnologias de outros países que na maioria das vezes não são viáveis aqui. Exemplos disso foram as introduções do caramujo africano para a produção do “escargot brasileiro”, do javali para a caça esportiva e recentemente do peixe asiático panga

Edição 7 • Maio de 2021
ISSN: 2619-3191 (Online)

para aquicultura, espécies que causaram, e causam, diversos danos ecológicos e econômicos ao país.

Com um foco maior na diversidade nativa, o valor cultural da pesca artesanal poderia ser restaurado / Imagem: Jordi Puig – Flickr.

Ironicamente, somos **um dos países mais diversos** do mundo e possuímos a maior riqueza de espécies de peixes de água doce, o que significa **uma ampla gama de opções para consumo** que podem ser exploradas e que muitas pessoas nem mesmo conhecem (10).

Será que um país tão diverso como o Brasil precisa depender quase que completamente de espécies importadas para se desenvolver economicamente? Não estamos perdendo uma ótima oportunidade de **valorizar nossa biodiversidade e culturalidade** criando valor agregado a produtos nacionais?

O papel do governo nesse cenário deveria ser o de defender nossa riqueza, incentivando e possibilitando uma aquicultura sustentável baseada em espécies nativas. Só assim poderemos de fato alcançar a soberania alimentar: **ter o poder de escolha sobre o que comemos**, com uma maior disponibilidade de sabores e texturas; e principalmente, com a valorização de produtos regionais. Ou então, lamentavelmente, as próximas gerações só terão tilápia para colocar no prato.

Referências:

1 - 'Reforma aquária' de Lula, como é que é? 2010. Disponível em: https://marsemfim.com.br/reforma-aquaria-de-lula/

2 - Bolsonaro quer criar tilápia em Itaipu. 2020. Disponível em: https://istoe.com.br/bolsonaro-quer-criar-tilapia-em-itaipu/

3 - Decreto desburocratiza criação de peixes em águas da União. 2020. Disponível em: https://www.gov.br/agricultura/pt-

br/assuntos/noticias/decreto-desburocratiza-criacao-de-peixes-em-aguas-da-uniao

4 - FAO. 2020. FAO yearbook. Fishery and Aquaculture Statistics 2018. Roma.

5 – Wagner C. Valentini et al. 2021. Aquaculture in Brazil: past, present and future. Aquaculture Reports 19, 100611.

6 - Thiago V. T. Occhi et al. 2020. O pecado do não saber: Como os impactos ecológicos das espécies exóticas invasoras influenciam nosso dia a dia. Bioika 5, 1–8.

7 - IBGE. 2020. Pesquisa da Pecuária Municipal 2018-2019. Rio de Janeiro.

8 - André B. Nobile et al. 2020. Status and recommendations for sustainable freshwater aquaculture in Brazil. Reviews in Aquaculture 12, 1495–1517.

9 - Convenção Sobre Diversidade Biológica. 2020. Disponível em: https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/biodiversidade/convencao-sobre-diversidade-biologica

10 - Julian D. Olden et al. 2020. There's more to fish than just food: Exploring the diverse ways that fish contribute to human society. Fisheries Magazine 45, 453-464.

Edição: Oscar Peláez

Colaboração: Isabela Machado, Mirtha Angulo, Edna Liliana Amórtegui, David González, Angela Gutiérrez.

Citação: Larissa Faria, Thiago V. T. Occhi, Patricia Charvet, Jean R. S. Vitule. 2021. *Nem só de tilápia vive o homem: um peixe exótico invade as águas e a mesa dos brasileiros*. Revista Bioika, 7 edição. Disponível em: URL https://revistabioika.org/pt/o-leitor-escreve/post?id=114